

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL

INSTITUTO DE PSICOLOGIA

Reflexões sobre um caso clínico a partir da investigação de sua dimensão temporal

MARIANA MATOS AYRES DA SILVA

PORTO ALEGRE, MARÇO/2018

MARIANA MATOS AYRES DA SILVA

Reflexões sobre um caso clínico a partir da investigação de sua dimensão temporal

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Psicologia no Instituto de Psicologia da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, como requisito parcial para a obtenção do título de Psicóloga.

Orientadora: Milena da Rosa Silva

Porto Alegre

2018

Agradecimentos

“Quero cada vez mais aprender a ver como belo aquilo que é necessário nas coisas. Amor-fati [amor ao destino]: seja este, doravante, o meu amor! Não quero fazer guerra ao que é feio. Não quero acusar, não quero nem mesmo acusar os acusadores. Que minha única negação seja desviar o olhar!”. (Nietzsche, 2001, p. 276).

Afinal, quando se agradece? Em que tempo isso se dá? Logo no início da tessitura do trabalho ou ao seu final? A questão é que, para mim, este trabalho começou há muito tempo, junto à sua lapidação. Foram muitos os atores dessa jornada e os reconheço como tantos, pois me sinto profundamente grata a todos que se dispuseram a trocar comigo, a me enriquecer subjetivamente e oportunizar meu crescimento. Nem todos os participantes facilitaram, nem todos me agradaram. Pelo contrário, alguns me catapultaram para imenso desconforto e frustração e, por isso, também lhes agradeço com essa frase nietzschiana, aquela que trago em mim – na medida em que consigo. *Amor fati*, aceitando as vezes que reclamei, as vezes que me senti cansada e, curiosamente – ou não -, plena, repleta. Acredito que o maior agradecimento é exagerar e querer viver *essa* vida, *desejá-la* para ser minha, por ainda mil vezes. E só posso querer minha vida por causa das pessoas e dos lugares que agregaram cor, textura e profundidade à minha existência.

Por isso, preciso agradecer à UFRGS, pela chance de compartilhar de um currículo inspirador, recheado do que me faz pulsar involuntariamente. Arrepio-me pensando em tudo que me foi proporcionado conhecer. Estando nesta Universidade, pude me (re)conhecer no que gosto e conhecer pessoas e autores sábios, nos quais busquei me amparar para tentar me tornar um pouquinho incrível quanto elas. Meus mais sinceros agradecimentos a Donald Winnicott, cuja teoria eu recém comecei a compreender o quanto gosto e o quanto ainda desejo estudar!

À Milena, minha orientadora, cujo interesse e empenho em me ajudar na escrita deste trabalho ficaram nítidos pelo seu crivo impecável e inteligente. Desde o primeiro semestre quis me espelhar na sua confiança e perícia. Você foi fundamental para minha caminhada e, não à toa, sinto que nunca esquecerei o seu apoio! Obrigada por me honrar com a sua orientação neste trabalho.

À Giana, que me possibilitou a minha primeira bolsa de iniciação científica e que, com certeza, plantou e fortificou as bases dos interesses e conhecimentos que

construí pelo restante da faculdade, e ao Amadeu, que me ofereceu a segunda - e a série seguinte de bolsas -, por quem tenho um grande carinho e admiração, não só, mas também pela alma artística, poética e virtuosa que possui.

Às minhas estimadas amigas da UFRGS, por serem cruciais nessa caminhada e por estarem comigo nos picos de caos e nos tempos de calma, me apoiando e me dando o prazer de fazer o mesmo por vocês.

Ao CEAPIA, por me receber inteiramente no estágio e permitir que eu me sentisse pertencente a esse lugar lindo. O investimento amoroso é nítido em todas as suas atividades e o agradecimento que tenho a fazer a este local é inestimável, pois sinto que me conectei com partes minhas que estavam amortecidas e me energizei para buscar meus desejos.

Um agradecimento especial à Anelise, por ter me transmitido os ensinamentos de Melanie Klein e Bion com magia, entusiasmo e paixão. Sem essas transmissões esse trabalho não seria possível!

À equipe da Ambientoterapia, por toda a afabilidade e compromisso, pois aprendi que gosto de trabalhar coletivamente e que consigo crescer muito com isso - cada um com seu jeitinho me enriqueceu imensamente - e às minhas colegas de estágio, que viraram queridas amigas com quem fiz trocas inesquecíveis e junto às quais foi lindo crescer!

À comentarista deste trabalho, Vanessa, que virou mãe da Cecília há poucos meses e foi incrivelmente generosa para, em meio a todo esse turbilhão de sentimentos, reservar um tempo para ler meu trabalho com seu olhar singular, doce e repleto de afeto, no qual me inspiro. Ceci, obrigada por me emprestar sua mãe um pouquinho, ela é demais!

À minha supervisora querida, Roberta, minha “super”, a quem nem sei como agradecer pelo acompanhamento terno e atencioso que teve comigo. Definitivamente, uma das peças-chave na minha formação, cujos ensinamentos me abasteceram e que levo, além de na mente, no coração.

À minha família, aos meus genitores: mãe, com seu infinito carinho, me ensinando a amar com força, genuinidade e devoção, e a meu pai, em cuja personalidade me inspirei para me tornar quem eu sou. Obrigada pelos exemplos fundamentais! Pai, uma vez você me disse que com vocês tenho uma dívida simbólica inextinguível. Na época, fiquei horrorizada e brava! Hoje, sou grata por estar para sempre endividada. Creia que a passarei adiante!

Ao meu irmão e, portanto, à primeira criança que eu vi crescer. Poder acompanhar seu crescimento é uma honra para mim. Meu primeiro objeto de estudo! Obrigada pela companhia nos últimos dezessete anos. Aprendi muito com você.

Às minhas avós, queridas e companheiras, vocês me ensinaram muito sobre maternidade. Sinto por vocês um amor incomum e, por isso, quero agradecer pelo abrigo e todo o afago que recebi. Sinto-me amada.

À minha grande família e a de meu marido: vocês adensaram o acervo das minhas histórias e me tornaram uma pessoa muito mais interessante e múltipla com a sua companhia. As trocas que fizemos me deixam orgulhosa de quem me tornei, e, por isso, agradeço especialmente à minha sogra, a quem adoro com intensidade. Aos meus sogros, obrigada pela pessoa maravilhosa que geraram. Eu o amo.

Finalmente, ao meu marido amado, sem quem eu realmente não sei se estaria aqui, neste momento, sentindo tanto amor e gratidão. O exercício amoroso de estarmos juntos me enche de felicidade, pois contigo me sinto mais inteira, como se uma parte que eu não sabia ser minha tivesse, de repente, reaparecido. Você me ensina tanto! Obrigada pelo seu olhar repleto de tanto cuidado e ternura, pois tenho o fôlego para viver ainda muitas vidas ao seu lado. Sua presença é o meu maior presente.

A Deus pela vida linda que tenho vivido.

Sumário

| | |
|---|----|
| A Feitura da Escolha | 6 |
| A individualidade em vias de realização | 9 |
| O tempo do brincar | 18 |
| Considerações Finais | 30 |
| Referências | 33 |

A Feitura da Escolha

Dentre os pacientes que me deram a honra de escutar suas histórias e que apostaram na minha capacidade de cuidá-los, um me marcou profunda e diferenciadamente – acredito que, também, por ser meu primeiro atendimento. O que foi construído em conjunto por nós dois se constitui em uma riqueza para ambos, de modo que não posso me furtar de explorar, ainda mais, esta história, principalmente a partir dos quesitos relativos ao tempo e como estes são importantes para pensar as questões do paciente Murilo. O objetivo deste trabalho, portanto, é investigar os movimentos de constituição psíquica e seu desenvolvimento, assim como os efeitos de diferenciação, surgidos durante os atendimentos, a partir da função e da ação da dimensão temporal neste caso, especificamente, a partir dos encontros realizados com este paciente.

O presente trabalho se propõe a explorar a dimensão temporal na constituição do sujeito, principalmente, a partir de Winnicott. Nem todos os autores que contribuíram para este estudo trabalharam especificamente com a questão temporal da e para a constituição psíquica. No entanto, é possível utilizá-los para pensar a temporalidade e seus efeitos a partir do que se infere indiretamente por meio da leitura de suas teorias. O próprio Winnicott deu ênfase à dimensão espacial para fundamentar sua teoria acerca dos cuidados iniciais e do próprio brincar. Contudo, a teoria winnicottiana do amadurecimento se baseia na concepção de que o homem é um ser essencialmente temporal e, portanto, os fenômenos humanos são, por sua vez, um desdobramento temporal da natureza humana (Dias, 2003).

Faço, portanto, uma tentativa de abordar a temporalidade, de acordo com a teoria psicanalítica, por meio da consideração de seus efeitos nos processos constitutivos do aparelho psíquico por meio das noções do brincar, de transicionalidade, de espaço potencial e do tempo relativos especificamente a este caso, utilizando-me de trechos e de exemplos fornecidos pelo caso de Murilo.

Ao longo da graduação, questões relativas principalmente ao estudo do desenvolvimento humano e seus entraves, bem como sua associação à constituição do psiquismo, aos primeiros cuidados e à potência subjetiva e individual no sentido de uma saúde mental possível, tocaram-me de forma primordial. Escolho este caso porque

percebo que ressoa com essas questões, como nas tentativas do paciente de parar, inverter o fluxo do tempo – e a angústia que este acarreta – ao iniciar todas as sessões do mesmo jeito, ao se esconder de mim para que eu não pudesse vê-lo e, assim, iniciar um novo tempo – o tempo da sessão – ou então quando se colocava como um bebê ou uma criança bem menor, torcendo o fio que tece o passado, empurrando o presente para frente e para trás.

Para além desses sintomas, o paciente também apresentava dificuldades para se situar no tempo cronológico, de modo que, por exemplo, se terminássemos a sessão e eu lhe explicasse que nos veríamos na semana seguinte, ele então sugeria que nos veríamos no dia seguinte, ou dali duas horas. Apresentava, simultaneamente, uma indiferenciação comigo, pois quando ele queria falar de algo que eu fiz numa sessão anterior, costumava flexionar os verbos num tempo verbal distinto, inclusive trocando os pronomes pessoais, falando “eu” no lugar de “tu” e vice-versa.

De certo modo, posso pensar que a realização deste trabalho se apresenta como uma ferramenta para dirimir minha angústia frente à confusão que este paciente inadvertidamente compartilhava comigo. Seu desenvolvimento congelado o desorientava em relação ao tempo, condensando a sensação de temporalidade em uma lógica desprendida do exterior, guiada apenas pelos seus afetos desnorteantes. Lembro que numa de nossas últimas sessões, em que eu lhe explicava que outro terapeuta o acompanharia e por isso tínhamos de nos despedir dali alguns dias, pois meu tempo na clínica estava acabando, montei um calendário em um quadro negro na sala. Ao final, ele usou o calendário para mostrar que acharia que eu voltaria após o dia tal, que para ele seria uma terça-feira. A partir desse atendimento, minhas questões acerca da compreensão do tempo para a própria psicanálise, em relação ao sujeito, e quanto à condução do tratamento acharam abrigo nesta história com este paciente. Este caso foi o que, durante a graduação, atendi por mais tempo e com maior frequência semanal, possibilitando que eu identifique mais um paradoxo temporal, visto que a sensação de acompanhar este paciente pareceu-me ainda mais longa e duradoura que muitas outras, extrapolando seus contornos cronológicos de duração.

Além disso, acredito que escolho essa temática por representar um marcador crucial na atualidade de meu próprio desenvolvimento. A aproximação de um momento de conclusão achata o passar do tempo, influenciado pela perversidade da angústia lendária e comprovadamente inescapável à escrita do Trabalho de Conclusão de Curso.

De repente, sinto rompantes mnêmicos me roubarem do presente, enquanto revivo imagens vívidas dos primeiros anos da faculdade de Psicologia, de quem eu era e cujo potencial virtual se cumpriu, em alguma medida, permitindo que eu me tornasse aquilo que buscava ser: psicóloga, alguém empático, alinhado com a busca do bem-estar de quem buscar meu auxílio.

Realizei este atendimento durante um estágio obrigatório no qual fui muitíssimo feliz. Após tantos semestres sem saber se iria até o fim, com certeza, posso dizer que este local redimensionou minha caminhada na Psicologia e que as lembranças boas deste ambiente me impulsionam na busca de algo que me faça feliz e que me realize, não só enquanto psicóloga, mas enquanto ser humano.

Para investigar a dimensão e os efeitos do tempo neste caso, com o paciente Murilo, abordarei esta questão principalmente por dois vieses, os que mais nitidamente consigo discernir, traduzidos pelo tempo como fator fundamental na situação clínica e o tempo como escultor do sujeito. Implicitamente, estes papéis da dimensão temporal que observei se entrelaçam ao longo de todo o tratamento, possibilitando um diálogo intenso e contributivo, oportunizando que o trabalho terapêutico ficasse munido de intervenções potentes através do brincar do Murilo e do meu.

Acerca da questão do tempo, mais especificamente, podemos pensar que se constitui como um problema que não concerne apenas à teoria psicanalítica, mas das ciências, das artes e da filosofia, podendo imaginar-se que pode ser o pontapé inicial para todas as outras perguntas feitas pelo homem. Portanto, sendo um questionamento tão antigo, o que é o tempo afinal?

Para responder a essa pergunta, Santo Agostinho (Agostinho, 1984) propôs, muito oportunamente, que o tempo é a temática mais corriqueira e banal das nossas conversas diárias, de modo que não falamos de outra coisa a não ser disso. Contudo, ao tentarmos contornar o assunto sobre o qual falamos, o tempo, deparamo-nos com o fundamental oximoro: “O que é, por conseguinte, o tempo? Se ninguém me perguntar, eu sei; mas se o quiser explicar a quem me faz essa pergunta, já não sei (Agostinho, 1984, p. 304). Concordando com Santo Agostinho, não pretendo definir esta dimensão, mas apenas abordar e investigar seus efeitos neste enquadre único.

Segundo Gondar (2006), essa formulação de Santo Agostinho constitui uma comprovação da nossa impossibilidade de formular um conceito sobre o tempo no

sentido clássico, uma vez que a definição tem por função dizer o que algo é, obturando a possibilidade de mudança, pois no momento em que definimos algo, afirmamos a parte que desse algo permanece invariável, subtraindo dela, assim, o tempo. Portanto, se intencionamos definir o que o tempo é, impõe-se que devemos subtrair o tempo do tempo, obrigando-nos a recusar, simultaneamente, o conceito que buscamos compreender.

De acordo, ainda, com a autora (Gondar, 2006), o próprio Freud não tentou conceituar o tempo, apesar de identificá-lo ao longo de toda sua obra como uma questão implícita, como, por exemplo, na forma de uma noção freudiana que se tornou uma das mais conhecidas – a noção de *Nachträglich*, podendo ser traduzida por *a posteriori*, mas adquirindo tonalidades e significados bastante distintos nas traduções da escola inglesa, *deferred action*, e na escola francesa, *après-coup*. Para a escola inglesa, que é para a qual me voltarei sobretudo neste trabalho, a ideia acerca de temporalidade se baseia numa noção de processualidade, continuidade, traduzindo-se num desenvolvimento progressivo, mas que implica fixações ou regressões.

Diferentemente, a tradução francesa, com o termo *après-coup*, não valoriza a ideia de continuidade ou de processo, mas de ruptura e descontinuidade, supondo a reorganização súbita e retrospectiva das posições subjetivas, privilegiando aquilo que ficou cristalizado em um instante (Gondar, 1995). Desse modo, portanto, a partir do tempo podemos contemplar distintas formas de pensar a constituição da subjetividade.

A individualidade em vias de realização

“O ser humano é uma amostra-no-tempo da natureza humana”¹ (Winnicott, 1992, p.11)

Segundo Freud (1921), a inclusão da dimensão temporal, sob a forma subjetiva da espera da satisfação, é o que institui a origem do sujeito psíquico, pois o psiquismo se instauraria a partir do trabalho de representação do objeto de satisfação esperado, na tentativa de anular o angustiante intervalo de tempo vazio. Essa primeira representação teria, inicialmente, um caráter substitutivo alucinatório do seio que demora em saciar o bebê e, estando a satisfação alucinatória da pulsão, irremediavelmente, fadada a fracassar, o trabalho psíquico se modifica, passando a ser capaz de representar não (apenas) o prazeroso, mas o que é real, mesmo que seja desagradável. Assim, tal

¹ “A human being is a *time-sample* of human nature”.

modificação implica a dimensão temporal para o psiquismo que, em vez de presentificar o objeto faltante ao alucinar, passa a representá-lo como aquilo que não está, mas que deverá retornar.

Para pensar esses efeitos da presença/ausência para a construção da dimensão psíquica, Winnicott (1960/1965) combina a ideia de continuidade à ideia de diferença ao privilegiar o desenvolvimento emocional por meio da relação de dependência integral ao ambiente, propondo que o alcance de diferentes gradações de dependência (dependência absoluta, dependência relativa e rumo à independência) deriva de uma relação de continuidade e previsibilidade, dando possibilidade à conquista de sua individualidade, numa infinidade de graus, visto que em ninguém a possibilidade de individualização se dá de forma definitiva ou é alcançada integralmente. Assim, para Winnicott (1960/1965), o que irá organizar a subjetividade é a experiência mais fundamental de todas: a experiência de ser, que se realiza de modo imanente. E o que garantirá essa continuidade será um ambiente suficientemente bom, capaz de fornecer as bases para um processo natural de desenvolvimento. A partir dos cuidados maternos, do *holding*, apoiados pelo ambiente cuidador, esse bebê pode gradualmente adquirir uma existência própria, em que, por meio das experiências de satisfação, o bebê passa a experimentar uma continuidade em seu ser.

De acordo com Winnicott (1960/1965), o termo *holding* é utilizado para significar tanto o segurar físico de um lactente, como também a provisão e manutenção ambiental total, anterior ao conceito de *viver com*. Dito de outra forma, isso se refere à relação espacial ou tridimensional com o fator temporal gradualmente adicionado. Isso antecede e se superpõe às experiências instintivas que, com o passar do tempo, determinam as relações objetais. Inclui a elaboração de experiências que são inerentes à existência, tais como o *completar* e o *não-completar* de processos do desenvolvimento, que exteriormente pareceriam completamente fisiológicos, mas que fazem parte da psicologia da criança e ocorrem em um campo psicológico complexo, determinados pela percepção e pela empatia maternas. Neste sentido, a expressão “viver com” acarreta a saída do lactente deste estado fusionado com a mãe, para a aquisição da capacidade de perceber objetivamente os objetos como *externos* e *diferenciados* dele mesmo.

O caso que trago, o de Murilo, 8 anos de idade, se dá muito às voltas da dificuldade de se diferenciar do objeto externo. Foi a mãe do paciente, Valquíria, que o

trouxe para atendimento. A prima mais velha de Murilo já fazia tratamento na instituição há algum tempo e indicou o local. Valquíria estava preocupada com o isolamento social do filho e com o rechaço que este demonstrava pelo primo, Bernardo, que havia nascido há poucos meses, filho do irmão mais novo de Valquíria. Murilo tinha o costume de chamar esse tio, o Heitor, de “pai”, sendo incentivado pela avó e pelo próprio Heitor. Valquíria era contra esse comportamento e tentava explicar para o filho, que chegava a sentir enjoo perto do primo ou “*ignorar completamente a existência do bebê, fingindo que ele é só mais uma almofada no sofá*” (sic). Valquíria também relatou preocupação porque o filho gostava de brincar “*apenas com bonecas e coisas de menina*” (sic).

A dificuldade de diferenciação aparecia também no vestuário, pois tanto a mãe quanto o paciente vestiam-se de maneira idêntica. A semelhança física era visível também pela pele da mãe e do paciente, que era repleta de pequenos nódulos e elevações subcutâneas, deixando-me muito curiosa sobre sua origem, pois a pele do paciente também era tomada de manchas “*cor de café-com-leite*” (sic), e os dois possuíam uma coloração “*de não-sei-o-quê com não-sei-o-quê*” (sic). Mais adiante, a mãe me informou que os dois eram portadores de neurofibromatose ou Síndrome de Von Recklinghausen. A aparência externa de ambos era desinvestida de um cuidado especial que os personalizasse, ficando Murilo uma miniatura de Valquíria.

Desde a primeira sessão, Valquíria se mostrou rígida e séria, com pouca variedade de tonalidade de voz e expressão facial, de modo que era frequentemente difícil inferir se seu tom era sóbrio ou irônico. Tendia a falar de coisas muito tristes e delicadas usando um humor inadequado, podendo-se notar que tinha dificuldade em associar os sentimentos apropriados ao relatar certos acontecimentos de sua vida. Tocava em suas feridas emocionais abruptamente, mas parecia querer tornar o ato cômico, tentando me fazer “*rir de sua desgraça*” (sic) com ela. Sua rigidez aparecia também no seu tônus muscular, mantendo uma única postura durante toda a sessão, com dificuldade de relaxar. Relatava ter uma postura muito agressiva e intolerante, segundo sua própria concepção, em conflitos sociais, inclusive com a equipe da escola de Murilo.

Já Murilo se apresentou muito desinibido e espaçoso, colocando-se muito à vontade estando sozinho na sala comigo. Logo na primeira sessão, espalhava-se pelo chão, parecendo desconhecer seus limites corporais e da própria sala de atendimento, que era uma das menores da instituição. Por algum tempo, tentei supor o quanto o

tamanho da sala poderia influenciar na construção de nosso vínculo, uma vez que uma sala pequena, como a que estávamos usando, poderia justamente ser uma repetição da indiferenciação que se colocava nas relações de Murilo com seus objetos. No entanto, uma sala maior não proporcionaria com tanta frequência os encontros – ou os encontrões, podendo-se dizer assim – entre nós dois, precisamente aquilo que acusava os limites entre um e outro, precisamente aquilo que estava se inscrevendo com dificuldade para Murilo. Vejo, só agora, o quanto eu também me antecipava.

Murilo parecia não sentir nenhum estranhamento pela minha presença e, muitas vezes, parecia não me perceber, apesar de falar comigo e me convocar constantemente na brincadeira. Contudo, era um convite engessado, por meio do qual eu não podia ser espontânea, pois já havia falas e comportamentos pré-programados para meus personagens. Desde o início precisei em vários momentos lembrá-lo de minha presença ali, pois tentava passar por cima de meu corpo para pegar algo. Assim como a mãe, suas expressões faciais não possuíam grande variedade, e mantinha um semblante de satisfação adestrada praticamente o tempo todo, apenas adquirindo contornos mais intensos para demonstrar felicidade.

Notando o palpável paralelismo entre mãe e filho, que pude observar já no início do tratamento, percebo a complementaridade da postura materna com a apresentação de Murilo para mim, e suponho, nesse momento inicial, algo sobre as características do *holding* que essa mãe pôde oferecer a esse menino quando bebê, um *segurar* intempestivo e inflexível, algo que vai se confirmando ao longo das sessões. E, para pensar isso, considero que para Winnicott (1969) um bebê não existe por si só. Pelo contrário, as funções desempenhadas pelo ambiente materno, além do *holding*, como o manipular (*handling*) e apresentar o objeto, são condições determinantes para os processos de integração do psiquismo no sentido de um desenvolvimento emocional. No entanto, sendo essas as condições que permitem à criança desenvolver plenamente suas capacidades internas e subjetivas, podemos pensar que, no caso de Murilo, houve falhas importantes nessas condições, pois este paciente apresentava sentimentos insistentes de vulnerabilidade, descrença em si mesmo e baixa autoestima.

Para que essas funções citadas acima entrem em vigor, é preciso que a mãe alcance um estado especial chamado “preocupação materna primária” (Winnicott, 1956), que pode ser compreendido como uma saudável regressão da mãe ao saudável bebê que ela uma vez foi, podendo identificar-se com seu bebê que está chegando, no

sentido de melhor compreender e atender às necessidades deste bebê, a partir primeiras inscrições de sua própria experiência infantil com sua mãe.

A partir de uma concepção teórica distinta do conceito supracitado, Mathelin (1999) propõe um outro trabalho a ser realizado pela gestante enquanto espera: a criação do bebê imaginário no psiquismo materno. Conforme Lebovici (1987), o conceito do bebê imaginário se refere às fantasias, impressões e sentimentos maternos em relação ao filho durante a gestação, a partir das quais as representações maternas permitirão a atribuição pela mãe de características ao bebê que irá nascer. No entanto, esse reconhecimento do bebê é ambivalente, pois mescla os desejos de ter um filho e o desejo da maternidade com o medo de que o filho nasça com algum problema, além de esse bebê ser alguém desconhecido e, ao mesmo tempo, protegido pela mãe, ocasionando sensações de completude e ansiedade. É possível pensar que, para Valquíria, esta representação mental de seu bebê tenha ficado deficiente em virtude dos acontecimentos e da situação de vida em que se encontrava no momento da concepção de Murilo e da descoberta da gravidez, uma vez que ela não acreditava ser possível engravidar e nunca havia feito uma tentativa nesse sentido, inclusive respondendo ao médico que anunciou sua gravidez que a única coisa que poderia habitar seu interior era um câncer. Além disso, Valquíria passou por uma situação de abandono que estipulou uma marca fundamental na relação com Murilo, que até hoje revive esse abandono através das lembranças e fala da mãe.

(Trecho 1)

“Valquíria: ah, essa semana ele perguntou do pai, né?”

Terapeuta: é?

Valquíria: uhum... ele perguntou como é que ele tinha nascido. Aí eu falei que eu tinha conhecido o pai dele, a gente tinha namorado... mas o Murilo me enche de pergunta, aí eu perco a paciência, sabe, esse não foi o maior dom que Deus me deu... aí ele começa a fazer uma pergunta atrás da outra e eu falei “eu e teu pai, a gente transou, Murilo!” e minha mãe só chegou na porta da sala e me olhou com os olhos arregalados! Aí eu falei que a gente tinha tocado um umbigo no outro e que a sementinha do pai dele passou por ali.”

Em uma sessão individual, Valquíria me conta que seu ex-marido, Lúcio, tem um filho, e que Murilo então começa a se perguntar se Lúcio também é pai dele. É importante mencionar que o pai de Murilo, Ulisses, aos dois meses de gravidez de Valquíria, disse que sairia para comprar pão e não voltou mais.

(Trecho 2)

“Valquíria: eu falei que Lúcio era pai só do Dênis, mas que eu e o Lúcio havíamos sido casados há muuuuito tempo. Depois disso, teve o Ulisses, que foi pai dele, mas que o Ulisses não quis ficar, mas que o problema era dele, porque ele que deixou de ver o filho nascer e crescer. Falei pro Murilo “tem gente que fica e tem gente que vai, quando tu crescer, tu também vai ir, meu filho, e teu pai foi embora porque ele quis”.

Podemos pensar, a partir destes trechos, que o mundo é apresentado para Murilo, ao menos na atualidade, de modo hostil e inseguro. Embora este trabalho lide majoritariamente com as noções de desenvolvimento e tempo a partir de Winnicott, considero importante mencionar algumas concepções de Lacan, uma vez que estas marcaram profundamente minha trajetória pela psicologia. Para Winnicott, a diferenciação entre eu e não-eu se dá a partir do auxílio de um ambiente facilitador e confiável, oportunizada também por ser proporcionada ao bebê a experiência de um tempo cíclico. Embora parta de bases completamente distintas, isso encontra certa proximidade com Lacan (1998a), que propõe que as noções incipientes de eu e de objeto, interno e externo, não nos acompanham desde o nascimento, mas são construídas a partir de inscrições simbólicas, marcas de subjetivação deixadas pelo Outro² a partir de uma cadeia de significantes³ que inauguram o psiquismo. Portanto, na formação do *eu* há um momento inicial em que este é tomado como uma imagem especular, que media o mundo interno e o externo, à qual a criança se aliena para conquistar uma imagem de si mesma para si, reconhecer-se, e existir propriamente. No caso de Murilo, percebe-se que a alienação à imagem oferecida pelo espelho encarnado, Valquíria, se dá a partir de significantes cuja inscrição é muito dolorosa e, por isso, Murilo os repele e tem dificuldade de se identificar com eles. A dificuldade de Murilo de, muitas vezes, caber no próprio corpo ou o desejo de ser outra pessoa, mais especificamente uma mulher, podem estar ligados ao modo como a especularidade desses significantes lhe foi e é apresentada.

(Trecho 3)

*“Murilo: é porque eu não gosto de quem eu sou.
Terapeuta: por que tu não gosta de ti?”*

² Grande Outro – expressão usada por Lacan para denominar a pessoa que virá a significar manifestações da criança, inscrevendo no seu corpo marcas que ficam na sua memória.

³ Parte-se do pressuposto de que a vida psíquica de um ser humano é inaugurada por um significante. Este é fundado pelo mapeamento pulsional, que, ao ser empenhado no corpo do nascente, contorna a falta e faz a função da apresentação do objeto. A mãe ao manusear, amamentar, suprir as necessidades do *infans* é que vai deixar marcas.

Murilo: *eu gostaria de ser uma pessoa diferente, uma menina, mudar de nome, de gênero...*”

Valquíria disse em várias ocasiões que “*Murilo é a imagem esculpida em carrara de Ulisses*” (sic), e certa vez ela me mostrou no celular uma foto que sua mãe, Eleonora, havia tirado durante um breve encontro com Ulisses no ônibus. Capturou minha atenção o quanto, a meu ver, Murilo e Ulisses de fato não são parecidos (cor de pele, formato da cabeça, olhos, feições), provocando em mim a sensação de ver entre Murilo e Valquíria ainda mais semelhanças que antes. Considerando-se que há no filho o desejo de ser aquilo que supõe ser o desejo da mãe, é nesse laço libidinal entre a dupla que no corpo do filho serão inauguradas zonas erógenas, amarrando significantes a seu corpo e, ao mesmo tempo, dando lugar a este pequeno ser em seu discurso (Lacan, 1998b). Nesse sentido, é possível supor que há no discurso de Valquíria um desejo explícito e intenso de que Murilo se pareça com o pai, que exista à sua imagem, e no entanto, a imagem oferecida é despedaçada e maculada, refletindo, assim, o modo como Murilo enxerga a si próprio, sem saber exatamente o que é nos momentos de maior angústia: se é menino, menina ou bebê pequeno.

De modo geral, como é possível perceber na história de Murilo, as figuras dos representantes masculinos se encontram esvaziados de investimento libidinal, ou porque neles estão inscritos as mazelas familiares ou porque foram à padaria e nunca mais voltaram. Por isso, Murilo procura seus substitutos sem sucesso (no tio Heitor que tem seu próprio filho e que, então, deixa de ser o ‘pai’ de Murilo; no ex-marido da mãe, nos namorados atuais da mãe e da avó que, sem se apresentarem diretamente, causam a ausência destas, sem efetivamente se inscreverem como terceiros). Este terceiro não apenas como modelo de identificação, mas como aquele que oportunizaria a diferenciação de Murilo daquilo proposto na fala materna, que sustentaria gradual e repetitivamente o que falta na relação mãe e filho para que se inaugure o desejar e, conseqüentemente, a dimensão psíquica. Conclusivamente, penso que Murilo me aponta, com seus sintomas, para a falta que faz aquele que a falta deveria fazer, interrompendo a passagem do tempo, mantendo-se sempre num momento de indiferenciação.

É possível pensarmos esse momento indiferenciação por meio da ideia de Winnicott (1960/1965) de potencial herdado para o amadurecimento, que se alinha aos cuidados contínuos e previsíveis durante o *holding*, regidos por uma repetição, de modo

que o bebê se sinta seguro para constituir a si mesmo e compreender, a partir dos intervalos de ausência da mãe, que há um *não-eu*, diferente e externo, na medida em que essa ausência possa ser simbolizada tanto pela mãe quanto pelo bebê. Há um ponto de partida para a constituição de um sujeito independente e diferenciado, que vai se tornando *si-mesmo* a partir das potencialidades. Portanto, o tempo em Winnicott é um tempo no gerúndio (Lannes, 1997), pois não há um ponto de chegada para o curso do desenvolvimento, é um seguir-sendo, em que algumas potencialidades vão se atualizando e ganhando forma.

Dessa forma, o tempo em Winnicott é contínuo, apesar de não-linear, propiciando o surgimento da diferença, o porvir e a criação. Nesse sentido, enquanto algo dura, esse algo está sempre se diferenciando. Porém, podemos inferir que o tempo “passa” na medida em que podemos observar seus efeitos, quando o desenvolvimento se dá de forma minimamente adequada, sem grandes impasses, o que não se observa no caso de Murilo.

“Outra característica importante do processo de amadurecimento é a de não ser linear. No entanto, em alguns momentos, há certa linearidade no sentido de que algumas conquistas têm pré-requisitos e só serão alcançadas depois de outras. Isso nos leva a saber que a resolução satisfatória das tarefas de cada estágio depende de se ter alcançado sucesso nas tarefas dos estágios anteriores.” (Mendonça, 2008, p. 75).

Inicialmente, Murilo não apareceu como uma criança encantadora, que incitasse um cuidado sobre ele, mas diversas vezes tendia a se colocar como uma criança bem menor, um bebê, tanto na sua postura corporal quanto no modo como se expressava, usando um tom de voz agudo e infantilizado, compondo um retrato bastante dissociado e confuso de si mesmo. É possível relacionar esta composição contraditória, esse ir e vir de si mesmo ao fato de que desde que Ulisses foi embora, Valquíria voltou a morar com sua mãe, Eleonora, e as duas são responsáveis por Murilo – em suposto pé de igualdade. Valquíria diz não ter problemas em dividir a maternidade com a própria mãe, porque para ela é bom poder dividir os papéis com sua mãe. Eleonora é enfermeira em dois hospitais e possui uma rotina bastante atarefada. Ela e Valquíria divergem principalmente nas questões do cuidado de Murilo, pois Valquíria é muito mais austera e o trata com relativa maior impaciência, enquanto Eleonora tende a fazer as vontades de Murilo quando a mãe não está, desautorizando-a e tratando-o como um bebê, inclusive, limpando-o depois que ele vai ao banheiro. Valquíria diz que Eleonora chama Murilo de “*seu bebê*” (sic) e que o trata assim como tratava seu filho mais velho, que já

morreu. Este filho falecido sempre foi tratado com muita adoração por Eleonora, que cuidou dele com intensa dedicação até sua morte.

Também é possível relacionar o agravamento da oscilação de Murilo entre ser uma criança de sua idade e ser um bebê ao nascimento do primo, Bernardo, filho do seu tio Heitor. Este tio e a avó de Murilo o incentivavam a chamar esse tio mais novo de “pai”, enquanto Valquíria era contrária a isso e tentava convencer Murilo a não fazê-lo. No entanto, o tio de Murilo se casou e teve este bebê, por quem o paciente possuía asco completo. A esposa de Heitor não gostava que Murilo chamasse seu marido de “pai”, e Valquíria relatou que disse à cunhada que *“o problema é dela se ela não gosta que o M fique perto do meu irmão, porque daí ela vai ter dois trabalhos: ficar emburrada e desficar”* (sic). Valquíria relatou que seu irmão se afastou de Murilo após seu filho ter nascido e que Murilo ficou muito chateado por não ter mais o tio tanto por perto.

Quanto ao primo, Bernardo, Murilo mudou bastante seu comportamento ao longo do período em que trabalhamos juntos, conseguindo brincar e falar com o bebê que estava prestes a fazer um ano. Contudo, ainda parecia se sentir ameaçado pelo primo, não suportando ficar perto dele por muito tempo, dizendo que o bebê o agrediu. Segundo Valquíria, ela diz a ele: *“Mas eu digo pro Murilo que ele é só um bebê, que ele tá brincando e ainda não tem muito controle nas mãozinhas, então às vezes ele acaba machucando e babando o Murilo, aí ele fica com nojo”* (sic).

A competição com o primo, o enjoo ao vê-lo e a crença de estar sendo agredido por este entram em consonância com os outros pontos de sua história, pois Murilo ainda é tratado como um bebê pela avó e sua chance de permanecer assim é não tendo um bebê real que denuncie o “falso-bebê” que Murilo é, de modo que ignorar o primo é ignorar o próprio crescimento e, assim, obturar a passagem do tempo. Também é importante apontar a obliteração temporal realizada não somente por Murilo, mas pela família como um todo quando se permite e se incentiva que Murilo chame o irmão da mãe de pai e quando a avó se equipara à mãe, de modo que a polivalência dos familiares (o tio como pai e irmão, a mãe como irmã e a avó também como mãe) indica a existência de uma lógica de desmentida, devido à intenção de suprimir a ordem e a diferença entre gerações. Neste sentido, a supressão do tempo é contígua à supressão da diferença entre esses indivíduos, visto que a percepção e aceite de uma depende da outra e vice-versa.

O tempo do Brincar

“O brincar e a experiência cultural são coisas que valorizamos de maneira toda especial: elas reúnem o passado, o presente e o futuro; elas resgatam o tempo e o espaço”. (Winnicott, 1971, p. 109).

Em sua clínica, Winnicott forjou uma concepção de tempo, contínuo e processual, na medida em que se deparou com pacientes que, justamente, de tempo mais precisavam (Gondar, 2006). Ou seja, pacientes que não eram sensíveis ao referencial clássico para o tratamento das neuroses (sustentado pelas ideias de recalque, Édipo e interdição), como crianças bem pequenas, pacientes com estruturação mais psicótica, casos de psicossomatoses, entre outros. À medida que experienciava a clínica com estes pacientes, Winnicott compreendeu que sofriam com uma falta de continuidade de ser, sendo a questão principal nesses casos a construção da possibilidade de desejar, de sentir-se vivo e sendo. De muitas maneiras, Murilo buscava isso.

De início, Murilo brincava intensamente, de modo muito concentrado e permeado de angústia. Produzia incessantes mudanças nas brincadeiras e falava muito pouco quando não estávamos brincando, fazendo com que a apresentação de ambos, minha e dele, fosse sempre muito breve, acelerando-se para a parte da brincadeira propriamente dita. Em alguns momentos, o brincar se tornava incompreensível para mim, pois os elementos mudavam muito rapidamente, sem que Murilo me avisasse das mudanças pensadas por ele.

Quanto aos aspectos da linguagem, notei que Murilo fazia frequentemente trocas pronominais, utilizando “eu” no lugar de “tu” e vice-versa. Costumava repetir coisas que eu havia dito como se ele as tivesse me comunicado. Muitas vezes, ele me perguntava sem a variação tonal na frase para que indicasse sua intenção de interrogação, fazendo com que a sentença parecesse uma afirmação, um imperativo em vez de um questionamento. Murilo também possuía o vício de começar uma pergunta com a construção “Tu sabe que...” e relatar alguma situação de sua vida ou alguma preferência sua. Desse modo, ele causou uma impressão de grande confusão interna, associada a uma intensa ansiedade e certa desconexão com o mundo à sua volta, de modo que até mesmo a minha participação ativa e espontânea nas brincadeiras se deu vagarosamente, conforme Murilo conseguia suportar minhas intervenções vivas.

Para Winnicott (1975), a sessão ocorre mediante a sobreposição de duas áreas do brincar – do analista e do paciente - sendo que, para o autor, o brincar é em si um objeto de estudo, como verbo e algo com potencialidade, e não como substantivo assim como

Melanie Klein enxergava a brincadeira (Franco, 2003). Portanto, esse brincar só pode ser compreendido junto à noção de transicionalidade, que se pode associar ao que Freud (1900) definiu como campos da experiência, ao distinguir realidade psíquica e realidade externa. Por sua vez, Winnicott (1975) estabeleceu um campo intermediário a esses pólos, relacionando-se com a crescente capacidade do bebê em perceber e aceitar a realidade compartilhada. Portanto, podemos depreender que o bebê transita de um estágio no qual a sua ilusão o coloca como criador do mundo que o cerca, para outro em que a desilusão gradual quanto à sua onipotência o conduz a uma aceitação da realidade externa.

Segundo Franco (2003), o brincar winnicottiano possui uma organização topológica e temporal, ocupando um espaço que não fica nem fora, nem dentro da subjetividade, sendo este espaço chamado por Winnicott de espaço potencial, que se forma entre a mãe e o bebê, e concebido em vários tempos diferentes. Num primeiro tempo, o objeto é subjetivamente concebido pelo bebê, de modo que os dois estão fundidos. Neste momento, a mãe que for suficientemente boa buscará concretizar o que o bebê está prestes a encontrar, enquanto que, no momento seguinte, o objeto é repudiado como não-eu pelo bebê, aceito de novo e percebido objetivamente. É neste tempo que a mãe realizará a devolução ao bebê do que ele repudiou. Assim, a mãe oscila entre ser o que o bebê tem capacidade de encontrar e ser ela própria, aguardando ser encontrada.

Ao longo de praticamente todo o tratamento, Murilo propunha uma mesma brincadeira que dava início a todas as sessões. Ele corria escada acima e se escondia na sala antes de eu entrar, deixando a porta entreaberta e fazendo barulhos, garantindo que eu fosse ao seu encontro. No entanto, a sala era minúscula, a menor de todas da instituição, como já referi, de modo que todas as suas tentativas de se esconder de mim fracassavam objetivamente – dado de realidade que, num primeiro momento, não podia vir à tona. Sendo assim, Murilo se encolhia em um cantinho da sala, tapando-se com algumas almofadas que havia na sala e que muito escassamente cobriam seu corpo inteiro. O topo de sua cabeça ficava plenamente visível, assim como suas mãos e seus pés. Eu compreendia que, por cobrir seu rosto e não poder me enxergar, Murilo supunha que eu também não o estava vendo. O processo de descoberta era nomeado, lentamente, centímetro a centímetro de seu corpo que era visto por mim. Eu brincava de, inicialmente, realmente não ver nada. Após, num segundo momento, começava a me “surpreender” com as partes do corpo que ele não havia encoberto com almofadas. O

encontro era um pleno deleite para Murilo, que ria como uma criança muito menor e com satisfação por ter sido descoberto por mim. É possível conceber que esse brincar de Murilo remonte ao marco inicial do brincar simbólico, marcado pela inserção de uma descontinuidade - é um jogo de presença-ausência, assemelhando-se a algo imediatamente posterior ao Fort Da, o que, por sua vez, é próprio da primeira infância, mas não tem toda a extensão simbólica de um faz-de-conta (o que Murilo também faz) (Jerusalinksy, 2014).

“A criança, que sentiu a sua falta, agora goza de fazer falta ao Outro. Mal pode conter o riso em seu esconderijo enquanto a mãe a procura. Esta cena resulta bastante insuportável para a criança pequena, que não aguenta ficar escondida, na medida em que estar ausente para o Outro que a sustenta psiquicamente equivale a estar ausente de si mesma.” (Jerusalinksy, 2014, p.251)

A articulação de modos diferentes de brincar, relativos a jogos constituintes do sujeito – que antecipam um brincar simbólico – e outros – que já supõem o uso do faz-de-conta e a ultrapassagem do Fort Da – é mais uma peça-chave para pensar o paradoxo temporal através do qual Murilo se apresenta e se constitui. Se eu o achasse rápido demais, ele se recusava a terminar a brincadeira, fazendo-nos voltar ao seu início, até estar plenamente satisfeito com a evolução e desfecho. Ele não suportava me ver/ser visto antes disso.

Considerando a resistência de Murilo em ter seu tempo acelerado, quando não por ele mesmo, lembro que Tustin (1990) aborda a função do ritmo no *setting* terapêutico argumentando que a situação observada no tratamento é comparável à observada entre um ambiente cuidador e o bebê, a partir da qual os ritmos de ambos geram um ritmo comum à dupla. Quando essa combinação rítmica se dá na terapia, há uma maior possibilidade de que o paciente passe a se ver, paulatinamente, com maior diferenciação psíquica entre ele mesmo e o outro – de maneira suportável. Um paciente com certa intolerância ou incapacidade de se diferenciar pode solicitar um ritmo de segurança, assim como fazia Murilo, em que as sessões devem se manter sem quebras em sua continuidade, em que a sensação de ruptura pode levar a reações extremas na tentativa de restabelecimento da ilusão de estar permanentemente ligado ao outro.

Falando do brincar, considero importante mencionar Melanie Klein, cujo método de análise através da brincadeira, que permitia a insurgência de conteúdos inconscientes de maneira lúdica e simbólica, e cujos conceitos de posição esquizo-paranóide e posição

depressiva foram fundamentais (e não posso frisar isso o suficiente) para pensar, também, o brincar de Murilo. Assim como o é para Winnicott, o desenvolvimento segundo a teoria kleiniana não obedece a uma linearidade, mas pressupõe que a aquisição de certas capacidades, como, por exemplo, uma maior e mais estável integração do ego, é o que permite a transição de uma posição em que predominam ansiedades mais persecutórias para outra, cujas ansiedades adquirem características depressivas. No entanto, disso não se pressupõe que seja alcançada uma posição estática, mas que há um trânsito por e entre elas, durante toda a infância (Oliveira, 2007) que depende da força de integração do ego e dos objetos internos, marcado pela prevalência de uma das posições ao longo da vida.

E foi a observação do deslocamento, a princípio tênue, da posição esquizo-paranóide para a posição depressiva que se configurou para mim como um dos marcos mais importantes no andamento do tratamento no sentido da conquista e domínio das ansiedades depressivas. O entendimento segundo essa teoria é que as fantasias são inatas ao sujeito, atuando como representantes dos impulsos, libidinais e agressivos, que nos acompanham desde o nosso nascimento (Segal, 1966). A fantasia também pode ser considerada como uma estrutura utilizada pelo sujeito para se relacionar com seus objetos externos e internos (Leader, 2001) e que adquire o colorido preponderante, mas não unicamente, da fase do desenvolvimento sexual e da posição em que o indivíduo se encontra naquele momento, podendo haver a contiguidade do caráter de fases distintas (oral, anal, fálico, sádico, tendências restitutivas, etc.) (Klein, 1981). Murilo utiliza tenazmente a produção de fantasias para compreender o mundo externo e, assim, incorre com frequência em ideias e pensamentos peculiares e desconexos da realidade compartilhada, algo que não é esperado para um menino da sua idade - como a ideia de que meu rosto poderia ser feito de plástico por achar que eu “teria plásticas”.

A tenacidade das produções de Murilo se associa com o que Winnicott nomeou de verdadeiro brincar infantil, em que se verifica uma adesão à brincadeira e uma resistência a sair dela, de modo que tanto terapeuta quanto paciente precisam participar e contribuir com a construção de um espaço potencial. Este, por sua vez, é um espaço-tempo subjetivo, criado pela fantasia de ambos, em que interno e externo se mesclam e o tempo antigo e expectativa de futuro se tornam presentes (Franco, 2003). Assim, criou-se um espaço-tempo teatral, em que a dupla paciente-terapeuta dramatiza uma encenação, cujo valor apenas se reconhece na condição de estar investida de afeto,

como se a brincadeira fosse realidade. Durante esses momentos, Murilo transita por suas épocas, ora é também menina, ora é menino, ora se gruda a mim, ora se separa, de modo que nosso ritmo é ditado pelo que nos dispomos a fazer a partir dos conteúdos de suas fantasias.

Lembro que na primeira sessão ele desenhou uma menina, de cabelos compridos, e que em volta dela havia uma coluna, um redemoinho de água movimentado por fortes ventos, que a paralisava e a impedia de entrar numa caverna escura, no canto inferior direito da folha. Quando perguntei o que havia dentro da caverna, Murilo me respondeu que havia apenas pedras. Penso que essa foi a primeira comunicação que ele me fez no sentido de compartilhar comigo suas fantasias sobre o interior do seu próprio mundo interno e do interior pedregoso e árido não somente do corpo, mas do psiquismo materno.

Para falar deste aspecto, determinante para a compreensão das características do brincar cada vez mais criativo do paciente, é necessário mencionarmos Bion (1959), em seu conceito de capacidade de *rêverie* materna. Tal conceito se refere à capacidade de contenção e de transformação do psiquismo da mãe, sendo capaz de metabolizar e transformar as primeiras produções psíquicas de seu bebê a fim de torná-las “digeríveis” para ele, podendo acolher essas fantasias transmitidas a ela por meio de identificação projetiva, um mecanismo importante da posição esquizo-paranóide e recurso primitivo de comunicação bastante usado por Murilo. Para que possamos observar o seu efeito, é preciso, também, situar a capacidade de *rêverie* dentro de uma ordem temporal, em que a sucessão destas etapas deve reconhecer e sintonizar-se com as defesas utilizadas pelo paciente, uma vez que o terapeuta deve considerar, em suas estratégias clínicas, que uma devolução que seja terapêutica é contemporânea à capacidade do paciente de receber seus conteúdos de volta.

A retratação pictórica por Murilo da fantasia acerca do interior cavernoso de sua mãe descreve importantes aspectos dessa relação que mantém com sua mãe, que pude observar ao longo do tratamento, como, por exemplo, nos trechos a seguir:

(Trecho 4)

“Valquíria: *(ele não virá na terça) porque ele tem judô e ele adora o professor dele, que é ótimo... muito bonito ele inclusive [me disse ela com um tom malicioso].*

Terapeuta: *ah é?*

Valquíria: vem cá, Murilo, né que tu gosta de judô, do professor...? [Murilo não se levantou na cadeira onde estava lendo um livrinho.] VEM CÁ, MURILO, NÃO FAZ QUE TU NÃO TÁ ME OUVINDO.

Ele se levantou e veio para perto.

Valquíria: né que tu gosta do professor de judô? [ele apenas olhou para ela com um olhar vazio.] Ai, ai, ai, não mente que tu não gosta dele!

Nesse momento, vi que ele ficou muito incerto, levantou os braços para abraçá-la, mas ela recuou e ele desistiu instantaneamente, como se não soubesse como reagir. Ele estava virado de corpo para ela, mas o rosto estava virado para baixo e ele parecia não saber para onde olhar.”

(Trecho 5)

“Mencionei a ela que hoje Murilo havia ficado muito chateado comigo e por isso talvez ele lhe parecesse diferente. Ela contou também que sua avó havia lhe comprado um grande ovo de páscoa da Kinder Ovo, mas como não era da marca que ele queria, ele lhe disse que ela poderia dar a outra pessoa. Valquíria falou que achou ele muito mal-agradecido, mas que pelo menos agora outra criança que nem ganharia nada, ainda estaria com um ovo melhor do que o dele.”

Bion (1959) chamou essa capacidade da mãe de metabolizar as tensões recebidas do filho de função alfa, e após essa etapa de metabolização, haveria a restituição ao bebê dos conteúdos transformados pelo psiquismo da mãe. É possível observar a partir da análise desses trechos o quanto, por vezes, Valquíria não consegue receber, guardar ou transformar esses sentimentos, ou seja, tê-los para si por esse tempo necessário, de modo que Murilo se vê sem a possibilidade de internalizar e desenvolver essa capacidade de pensar em seu próprio psiquismo. Assim, Valquíria não guarda ou aguarda – devolve subitamente, de pronto e acidamente, não resistindo às pausas que Murilo necessita.

Além da mãe não conseguir transformar a comunicação de Murilo em elementos digeríveis, ela o inunda com aspectos dela ao ditar sozinha o ritmo da comunicação, provocando uma inversão no fluxo de identificação projetiva. Para Tustin (1990), um ritmo que seja composto pelos ritmos da dupla possibilita que as diferenças, contrastes e desencontros entre os componentes seja vivenciada em segurança, o que não é vislumbrado no caso de Murilo com sua mãe. É a recepção pela mãe das fantasias do bebê que permite a ele vivenciar que o que ele sente e possui dentro de si pode ser recebido por um outro, que ele pode tocar sem destruir. Essa capacidade de receber

esses conteúdos é a mesma que o bom analista busca desempenhar e, sendo assim, foi uma peça crucial na minha caixa de ferramentas.

Para ilustrar como isso se deu entre nós, acho oportuno trazer que, a certa altura do tratamento, em duas sessões consecutivas, Murilo trouxe chicletes para a sessão. Na primeira, aceitei o chiclete e o comi. Na segunda sessão, Murilo usou inicialmente os chicletes como personagens, tirando-os de dentro da embalagem e arrastando-os pelo chão, colando a eles poeira e sujeira, e em seguida se aproximou para colocar um na minha boca. A seguir complemento o relato por meio de trechos extraídos dos relatos dialogados das sessões:

(Trecho 6)

“Eu aceitei o chiclete na mão.

Terapeuta: *Murilo, eu pensei que de repente a gente não precisava colocar o chiclete na boca. A gente tava usando eles como personagens, né?*

Murilo: *não, mas eu vou colocar na boca do fogão, que é a minha, e a do Tomate vai ser a tua. Anda.*

Terapeuta: *pois é, mas eu não tô querendo colocar na minha boca agora...*

Murilo: *por quê?*

Terapeuta: *porque eu acho que a gente poderia brincar de outro jeito com eles...*

Murilo: *olha só, se tu não colocar o chiclete na tua boca, tu vai ver o que vai acontecer.*

Terapeuta: *o que vai acontecer?*

Murilo: *eu vou esmagar esse Tomate - fez, ameaçando com o pé que pairava em cima da massinha de modelar disforme.”*

Aos poucos, fui empreendendo a tentativa de nomear com ele seus sentimentos e a raiva que sentia de mim por frustrá-lo ao não incorporar uma parte sua. Mesmo nomeando, Murilo pisoteou e esfrangalhou o Tomate. É importante mencionar que desde o início do tratamento ele me manteve como um personagem em especial: o Super-Tomate.

Com esses jogos em cena, Murilo pôde destruir, assim como fez milhares de vezes anteriormente, o meu representante simbólico na nossa brincadeira. No entanto, esse representante justamente nos acompanha há tanto tempo por possuir uma característica fundamental: é feito de massinha de modelar. Para Julieta Jerusalinky (2014), o brincar é sério, uma vez que possibilita articulações diante dos acontecimentos do real, dilatando um tempo de *como se*. É neste tempo do *faz-de-conta* que as metáforas possibilitam que uma coisa advenha no lugar de outra, em que a criança pode

se projetar enquanto senhora de seu desejo. Consoante a esta ideia, para Winnicott (1975) a importância do brincar se dá pela noção de que é no brincar, e somente no brincar, que o indivíduo, sendo adulto ou criança, pode utilizar sua personalidade integralmente e ser criativo, e, assim, descobrir o seu eu (self).

“O faz-de-conta é o tempo do brincar do vir-a-ser, o tempo de dar consistência à projeção imaginária de um futuro. É central para a constituição que este momento do brincar se produza e que se possa outorgar credibilidade a esta ficção, na medida em que ela é a materialização imaginária que dá ao sujeito a garantia ficcional de que poderá vir a ser.” Jerusalinsky, A. (2007 como citado em Jerusalinsky, J., 2014, p 233).

No princípio, o Super-Tomate era uma rodela azul em cujo “peitoral” ostentava as iniciais amarelas brilhantes “S” e “T” no brasão vermelho. Aos poucos, conquanto fui sendo assassinada, jogada de precipícios, atropelada, amassada, estripada, fragmentada a mínimas partículas, atingida por asteroides, feita refém em outra dimensão, comida, deglutida e vomitada, em um número igual de vezes pude ser ressuscitada pelas ansiedades reparatórias que possibilitaram que eu fosse deixando de ser Super para virar apenas Tomate, um personagem menos idealizado, menos poderoso e, assim, menos aterrorizante. Fui transformada num objeto integrado pelo amor e pela culpa regeneradora que predomina na posição depressiva. É interessante observar que, com tudo o que fizemos, a mutabilidade deste objeto, a observação do efeito do tempo em seu corpo, foi o que garantiu a sua constância na nossa brincadeira. Tendo isso em mente, acredito que é possível pensar que o que se deu no tratamento de Murilo se conecta com a orientação que a autora Julieta Jerusalinsky (2014, p. 241) expõe em sua tese “Se a repetição é inevitável, a questão é como minimamente dar lugar a algo de novo com o que insiste de novo”.

Contudo, Murilo não queria admitir que eu não comesse o chiclete que ele havia me oferecido, então exigiu que eu lhe negasse concretamente ao fazer dois quadradinhos para que eu marcasse no quadro negro: um referente a “sim” e outro a “não”. Evitei ao máximo marcar no quadradinho do não, buscando usar a minha capacidade psíquica com palavras para lhe mostrar que eu via que o estava frustrando, mas que havia outros modos de ele poder existir dentro de mim que não concretamente, com o chiclete. Ele começou a se arrastar para baixo da minha cadeira enquanto eu

falava, de modo que, de onde eu o olhava, conseguia ver partes suas, pernas, braços e cabeça, espalhadas e desagregadas embaixo da visão que eu tinha de meu próprio corpo. Ele se mostrava completamente refratário às minhas palavras, e entendi que seu funcionamento regressivo rejeitava o que frustrasse seu desejo. Neste momento, Murilo já não podia mais brincar e o tempo pareceu se arrastar. Esta sessão pareceu durar horas e não 50 minutos. Enquanto para Murilo não era possível reconhecer a minha negativa, a minha incoerência com sua fantasia, ele insistia na mesma pergunta, num mesmo tempo sem resposta, uma vez surdo para o que não podia acolher dentro de si. Murilo dizia estar ficando com muito ódio de mim e, depois de meia hora, resolvi marcar no quadro o “não”, pois percebi que a dicotomia e concretude de seu pensar estavam muito acionados e reforçados pela angústia, engatando-nos num *looping* temporal, antecessor à angústia (e falhando em estancá-la), e do qual, caso saísse, deparar-se-ia com um desencontro insuportável entre ele e a Mariana, o *não-eu* de Murilo.

(Trecho 7)

*“Terapeuta: olha só, acho que tu acabou de perceber um pouco do que eu tô te falando... Porque tu só quer que eu te diga que **sim**, tu não tá gostando que eu tô dizendo não...”*

***Murilo:** eu vou ficar furioso contigo, muito muito chateado.*

Ficamos de pé ao lado do quadro e ele insistindo para que eu marcasse.

***Murilo:** Por favor, Mariana, eu não aguento mais, isso tá me matando.*

*Então eu marquei que **não** e ele se ajoelhou no chão e ficou muito chateado sobre as almofadas, escorregando para baixo da minha cadeira novamente e começou a agarrar-me pelos pés, agarrando-se às fivelas de minhas botas.”*

Novamente, menciono a capacidade de *rêverie* (Bion, 1959) para relacioná-la com a função do pensamento e a função continente do analista, e também com o conceito de identificação projetiva kleiniano. Na teoria bioniana, para além de um mecanismo de defesa regressivo e típico da posição esquizo-paranóide, a identificação projetiva é considerada um meio de comunicação na relação em que alguém opera como continente e o outro como contido. Na relação terapêutica, portanto, o analista recebe, processa e devolve aquilo que o paciente projeta para o interior da mente do analista, de modo que a dupla analítica repita transferencialmente os mecanismos psicodinâmicos da relação mãe-bebê.

É com a repetição desse processo de projeção-transformação-devolução que a experiência emocional inicialmente “impensável” pode ser assimilada e o bebê pode

paulatinamente construir um núcleo de objeto bom que será, por consequência, a base de seu ego. Já no final do tratamento, Murilo se comunicava de modo muito diferente, sendo possível acompanhar a sua evolução no sentido da conquista de angústias depressivas e, portanto, mais integradoras, quando ele conseguia perceber, pensar e falar sobre a própria tristeza, e não apenas brincar de modo incoerente, guiado pelos seus impulsos destrutivos.

(Trecho 8)

Terapeuta: *por exemplo... vou te dizer que essa semana conversei com a tua mãe...*

Murilo: *é mesmo?*

Terapeuta: *sim... ela falou que ficou bem preocupada com algumas coisas que vocês conversaram essa semana...*

Murilo: *sei... - ele baixou a cabeça, mas com o olhar absorvido pelo nada.*

Terapeuta: *tu sabe o que foi que preocupou ela?*

Murilo: *é porque eu não gosto de quem eu sou."*

As repetições na análise dos modos de se relacionar com os objetos se conectam com a questão mais básica da teoria kleiniana: a perenidade e a dimensão emocional da experiência. Ou seja, aqui falo sobre os aspectos contratransferenciais e transferenciais e o seu lugar na relação terapêutica. Para Klein (1952), mesmo que a transferência seja uma reedição de uma situação anterior, ela é sempre vista como dirigida ao terapeuta, pois o conteúdo emergente na análise é a realidade psíquica se expressando e sendo experimentada naquele momento presente, dialogando com o conceito do *continuar a ser* winnicottiano (Winnicott, 1960/1965), que implica a repetição e que seria sustentado pelas primeiras inscrições rítmicas na constituição de uma sensação de continuidade psíquica do bebê pequeno.

É a função rítmica do ambiente que auxilia o bebê na compreensão e coordenação dos diversos fluxos sensoriais aos quais está submetido, propiciando que ele se aproprie paulatinamente de seu universo de sensações (Guerra, 2009). Desse modo, a sustentação de um compasso interacional se relaciona à organização temporal das experiências vividas, adicionando-se a isso um colorido afetivo que atravessa os encontros. Portanto, o ritmo compartilhado desejável é aquele que se constrói entre o bebê e seu ambiente, produzindo desse modo a marca do encontro que atravessa as experiências e permitindo ao bebê que tolere as ausências do objeto, antecipando seu (re)encontro com ele. A ocorrência inicial de um desencontro rítmico impede o livre

desenvolvimento de uma constituição psíquica saudável, ocasionando uma subjetivação problemática.

Pensando no ritmo do brincar na terapia, de acordo com Franco (2003), a sessão terapêutica pode ser interpretada como uma manifestação contemporânea da experiência do brincar, uma vez que se funda em um espaço e temporalidade próprios e que possui semelhanças com o espaço e temporalidade das relações iniciais mãe-bebê, voltando aqui à noção de espaço potencial. A sutileza dessas características espaciais e temporais devem ser utilizadas nas sessões na medida em que se compreende que o brincar pode se tornar assustador. A organização (também temporal) da brincadeira pode ser entendida como uma tentativa de dar conta deste aspecto amedrontador do brincar, para que ele não impeça o trabalho da dimensão criativa da brincadeira. A sustentação dessa criatividade se dá a partir de uma sensação de continuidade do espaço-tempo, do *continuar a ser*, que possibilita uma forma de viver e brincar. Nesse sentido, o brincar pode se tornar ameaçador caso o manejo e uso do tempo não busquem prevenir a insurgência dessa característica do brincar. Eu, em muitas ocasiões, pude notar que Murilo e Valquíria não conseguiam se comunicar, uma vez que a interação dos ritmos era imprevisível e dessincronizada.

Portanto, é deste primeiro momento, da conformação dos ritmos mãe-bebê (e depois paciente-terapeuta) em uma melodia comum (Guerra, 2009), que podemos inferir que deriva a possibilidade de diferenciação – um dos principais pontos problemáticos para Murilo. A espera lhe era insuportável, pude perceber isso nos momentos em que ele não tolerava aguardar que eu guardasse os brinquedos - atirando e enfiando todos juntos dentro da caixa -, ou que subíssemos/descêssemos as escadas juntos. Ele sempre tinha que ir correndo na frente, no início ou no fim da sessão, para que eu, chegando nas salas (de atendimento e de espera) após ele, fosse procurá-lo. Ele não conseguia esperar que eu o encontrasse por mim mesma, então fazia gemidos, barulhos, para garantir e acelerar o (re)encontro. No entanto, se fosse rápida demais, era como se a brincadeira não fosse “válida” e teríamos que recomeçar tudo novamente.

Eu percebia que a interferência de meu ritmo em nossas brincadeiras lhe feria, pois o elemento da surpresa acabaria com a previsibilidade, evocando a angústia. Muito lentamente agreguei às nossas brincadeiras, também, o meu brincar, inicialmente ameaçador. Uma estratégia interessante para brincar com isso, com essa não possibilidade de espera e com a angústia de não ser encontrado a tempo ou, então, muito

antes do tempo, foi o brincar nas escadas, indo ou voltando do atendimento. Brincávamos que um dos dois tinha que ficar ao pé das escadas enquanto o outro ficava no topo. Aquele que ficasse no degrau mais inferior seria o receptor de algum brinquedo que o outro faria deslizar pelo corrimão desde lá de cima. Era o nosso modo de irmos esgarçando os intervalos, de modo a não nos despedirmos ou nos (re)encontrarmos depressa demais.

Considerações Finais

"Um forte egoísmo protege contra o adoecimento, mas, no final, precisamos começar a amar para não adoecer, e iremos adoecer se, em consequência de impedimentos, não pudermos amar."

(Freud, 1914, p. 29)

"A doença foi bem a razão
De todo o impulso de criar
Criando eu pude me curar,
Criando eu me tornei são"

(Heine, 1844 como citado em Freud, 1914, p.29)

Antes de começar a escrever esta seção, volto ao início. Estranhamente, atendo-me à parte dos agradecimentos. Leio a pergunta que fiz sobre quando deve ser o momento para se agradecer dentro de um trabalho e não posso deixar de fazer, ou ao menos sentir essa gratidão novamente. Algumas coisas, eu pude perceber, só advém num momento depois, apesar de serem almeçadas anteriormente - sua tessitura inicia muito antes de seu nascimento. Agora, sei que só posso escrever minha introdução a partir deste momento, a certa altura do caminho percorrido.

Quanto à Murilo, penso que a indiferenciação em relação ao objeto o colocava em uma posição estranha e paradoxal, uma vez que assim buscava controlar o tempo, subtraindo o espaço/intervalo *entre* nós, supondo-se soberano e acabando subjugado pela realidade que insistia em acabar com a sua ilusão onipotente de controle do objeto. Pensando por meio da teoria de Winnicott (1971), podemos observar que o autor trabalha com a esfera do entre, no entanto, não chama esse entre de tempo, mas de espaço, referindo-se ao *espaço potencial* como uma área de experimentação entre o dentro e o fora, entre o subjetivo e o objetivo. É esse espaço que se coloca como

condição para a diferenciação, para uma transição da dependência absoluta a uma autonomia relativa. Portanto, trata-se, também, de um *espaço temporalizado* (Gondar, 2006), construído a partir de uma lógica temporal e sobre intervalos, estando nele em jogo a continuidade do ser, a capacidade de se diferenciar, de criar, experimentar – sendo todas essas dimensões ligadas ao tempo.

Considerando-se este aspecto do *espaço temporalizado*, é possível inferir que esta é uma aquisição proporcionada a partir das primeiras relações e é isso que será reencenado na terapia, bem como me pareceu na minha experiência com Murilo. O tempo teve de ser compartilhado a conta-gotas, pois o mínimo excesso lhe era avassalador. A dosagem do tempo me parece agora ter sido o ponto focal de nossos encontros.

Segundo Antonio Candido (como citado em Kehl, 2009, p.111), o tempo, além de ser o tecido da nossa vida, é condição ontológica para o psiquismo. Portanto, a qualidade que define o psíquico não seria espacial, mas temporal, e disso deriva a dificuldade dos cientistas em localizar, na materialidade do nosso cérebro, do nosso corpo, o inconsciente como descrito por Freud. É a esse quando, à temporalidade atravessada pelo brincar, polvilhada pelos ritmos do paciente e do terapeuta, pelos tempos subjetivos, pelo espaço potencial e criativo, a que busquei me ater neste trabalho. Mas precisei recorrer também a conceitos fundamentais de Lacan, Bion e Melanie Klein, parecendo-me incongruente e empobrecedor não destacar estes aspectos, que fazem marca na compreensão que posso fazer desse caso.

Há um ano, praticamente, já não atendo este paciente. No entanto, as memórias ainda me são vívidas, bem como o seu brincar e a sua voz. Ainda por mais este motivo, vi-me aderida à questão temporal, visto que minhas lembranças, mesmo que deformadas, assim como o é até mesmo a percepção mais instantânea, ainda me tomam devido à sua qualidade intrigante e indelével. Penso também que este foi o tempo necessário para poder me apropriar do caso deste modo. Posso agora perscrutar cuidadosamente o caminho percorrido, associando a questão da dimensão temporal e seus efeitos na constituição do psiquismo deste paciente, principalmente a partir da teoria winnicottiana e seus conceitos inspiradores, poéticos, e de seu olhar benevolente. Ou seja, opto por ver a possibilidade de desenvolvimento nos indivíduos, supondo neles a existência de um gérmen potente e criativo - vivo.

Para mim, a tradução mais literal deste processo terapêutico foi a metamorfose do meu personagem, Tomate. Considero a transformação do meu avatar como um emblema das transformações que eu e Murilo passamos juntos. Como mencionei, eu era, de início, “Super”, meu peito era blindado, estampado com um brasão heróico. Ao final de nossos encontros, as cores definidas que me adornavam se integraram para formar um tom liláceo próprio, exclusivo da nossa dupla. Assim, vejo a função do tempo: como o que é inefável, invisível, e em tudo toca e tudo marca, se houver, ao menos, um pouco de saúde. Sua função primordial é possibilitar a vida, as ausências, a diferenciação, a percepção da transformação e de que o amanhã acontecerá, inescapavelmente.

Neste sentido, compreendo que meu trabalho junto ao desse menino foi a realização de uma construção temporal contínua e derivada de contribuições de ambos, de modo a não ser ameaçadora para nenhum de nós, suportada mutuamente. Penso que isso - além das pastas atulhadas de dialogadas, das dezenas de livros xerocados e lidos por partes, das anotações soltas nos cadernos e do tempo aplicado nesta jornada de entender o outro - remete, acima de tudo, à capacidade de investir amor no mundo. Foi assim pra mim.

Referências

- Agostinho, S. (1984) Confissões. Porto: Apostolado da Imprensa.
- Bion, W. (1959). Attacks on linking. In: Int. J. Psycho-Anal., n.40.
- Bion, W. R. (1962). Elementos da Psicanálise. Paris: PUF, 1979b.
- Dias, E. O. (2003). A teoria do amadurecimento de D. W. Winnicott. (3ª Ed.) Rio de Janeiro: Imago Editora.
- Franco, S. G. (2003). O Brincar e a Experiência Analítica.
- Freud, S. (1974) Sobre o Narcisismo: Uma introdução. In: Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud. Volume 14. Rio de Janeiro: Imago. (Original publicado em 1914).
- Freud, S. , (1974) Studies on Hysteria, Fräulein Anna O. (Breuer) (1893-1895), SE v. II, The Hogarth Press, London.
- Freud, S. (1900). A interpretação dos sonhos. In: Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud. Volume 4. Rio de Janeiro: Imago, 2006.
- Freud, S. (1921). Formulações sobre os dois princípios do funcionamento mental. In: Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud. Volume único. Rio de Janeiro: Imago, 2006.
- Gondar, J. (2006) Winnicott, Bergson e Lacan: tempo e psicanálise. Rio de Janeiro: Ágora v IX n. 1 jan/jun 2006. p. 103-117
- Gondar, J. (1995) Os tempos de Freud. Rio de Janeiro: Revinter.
- Guerra, V. (2009). Indicadores de intersubjetividade (0-2 años) en el desarrollo de la autonomia del bebe. In: Mara, S. (Org.). Aportes para la elaboración de propuestas educativas – Primera Infancia: la etapa educativa de mayor relevancia. Montevideo, Uruguay: Ministério de Educación y Cultura.
- Heimann, P. On Countertransference, In: Int. J. Psycho-Anal. 1950, n. 35, 81-84.
- Heimann, P. (1986). Certas funções da introjeção e da projeção no início da infância. In M. Klein (Org.), Os progressos da psicanálise (4a. ed.). Rio de Janeiro: Zahar.
- Jerusalinsky, J. (2014). VI. Jogos Constituintes do Sujeito. In: A Criação da Criança. Salvador: Ágalma.
- Kehl, M.R. (2009). O cão e o tempo: a atualidade das depressões. São Paulo: Boitempo.
- Klein, M. (1952). As origens da transferência. In: Inveja e gratidão e outros trabalhos. 1946-1963. Rio de Janeiro: Imago, 1991
- Klein, M. (1981). Psicanálise da criança (3a. ed.). São Paulo: Mestre Jou.
- Klein, M.(Org.). (1986). Os progressos da psicanálise (4a. ed.). Rio de Janeiro: Zahar.
- Klein, M.(1986). Algumas conclusões teóricas sobre a vida emocional do bebê. In M. Klein (Org.), Os progressos da psicanálise (4a. ed.). Rio de Janeiro: Zahar.
- Lacan, J. (1998) "O tempo lógico e a asserção de uma certeza antecipada". In: Escritos. Rio de Janeiro: Jorge Zahar. (1945)

- Lacan, J. (1998) "Função e campo da fala e da linguagem em psicanálise". In: Escritos. Rio de Janeiro: Jorge Zahar. (1953).
- Lannes, E. S. (1997). A continuidade do ser. Rio de Janeiro.
- Leader, D. (2001). Fantasia em Klein e Lacan. In B. Burgoyne & M. Sullivan (Orgs.), Diálogos Klein–Lacan. São Paulo: Via Lettera.
- Lebovici, S. (1987). O bebê, a mãe e o psicanalista. Porto Alegre: Artes Médicas.
- Mathellin, C. (1999). O Sorriso da Gioconda: clínica psicanalítica com os bebês prematuros. Rio de Janeiro: Companhia de Freud..
- Mendonça, M. E. (2008). A teoria do amadurecimento pessoal de D. W. Winnicott e a fisioterapia. Winnicott e-prints, 3(1e2), 1-30.
- Nietzsche, F. (2001). A gaia ciência. Trad. de Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras.
- Oliveira, M. P. (2007). Melanie Klein e as fantasias inconscientes. Winnicott e-prints, 2(2), 1-19.
- Pizutti, J. M., (2012). A Constituição do Sujeito em Psicanálise, Monografia UNIJUÍ. RS.
- Riviere, J. (1986b). Sobre a gênese do conflito psíquico nos primórdios da infância. In M. Klein (Org.), Os progressos da psicanálise (4a. ed.). Rio de Janeiro: Zahar.
- Safra, Gilberto. (1999). A clínica em Winnicott. Natureza humana , 1(1), 91-101.
- Segal, H. (1966). Introdução à obra de Melanie Klein. São Paulo: Nacional.
- Simon, R. (1986). Introdução à psicanálise – Melanie Klein. São Paulo: Epu.
- Tustin, F. (1990). Barreiras autistas em pacientes neuróticos. Porto Alegre: Artes Médicas.
- Winnicott, D. W. (1956). A preocupação materna primária. In: Winnicott, D. W. Da pediatria à psicanálise. Rio de Janeiro: Imago, 2000.
- Winnicott, D. W. (1960/1965). "Teoria da Relação Paterno-Infantil". In: O Ambiente e os Processos de Maturação. Porto Alegre: Artmed. (1983).
- Winnicott, D. W. (1969). A experiência mãe-bebê de mutualidade. Em: Winnicott DW. Explorações Psicanalíticas. Porto Alegre (RS): Artmed.
- Winnicott, D. W. (1971). "O lugar em que vivemos". In: O Brincar e a Realidade. Rio de Janeiro: Imago.
- Winnicott, D. W. (1975). O Brincar e a Realidade. Tradução. J. O. A. Abreu e V. Nobre. Rio de Janeiro: Imago.
- Winnicott, D. W. (1992). Natureza humana. Rio de Janeiro: Imago.